

mut

UNIÃO DAS MUTUALIDADES PORTUGUESAS

Boletim 16 | OUT 2011

(2.ª Série)

Mensagem da Presidente do 10.º Congresso

Mutualismo ganha espaço à tecnocracia competitiva



Para estimular a cidadania, a presidente do 10.º Congresso de Mutualismo, dirige a seguinte mensagem aos participantes no conclave:

Um século depois da realização do I Congresso, aqui nos encontramos, novamente em Congresso reunidos, para celebrar este movimento solidário e a sua modernidade. Com efeito, num Mundo que se move, hoje, a velocidade meteórica, velocidade essa que pelas suas implicações na evolução das nossas vidas veio pôr em causa a sedimentação existente, poderíamos ser levados a pensar que o Mutualismo não

teria futuro ou estaria condenado. Nada de mais errado!

Em época de enorme turbulência e perturbação, onde os equilíbrios que conhecíamos estão a ser postos em causa, nada como a estabilidade daquilo que é perene – a solidariedade e a entre-ajuda como matriz identificadora das comunidades humanas – para nos guiar, evitando que nos percamos na espiral de movimentos que tende a absorver-nos se não pararmos para pensar e para pôr os outros a pensar. Quanto mais a economia evolui no sentido de se transformar num fim em vez de um instrumento ao serviço das pessoas, quanto mais a tecnocracia pretender fazer trocar a solidariedade pela competição, quanto mais algumas vozes afirmarem o domínio de uns sobre os outros em função do que se «tem» e não em função do que se «é» negando a nossa identidade comum, mais o mutualismo ganha espaço.

E ganha espaço porque surge para ir ao encontro da angústia dos que

buscam um sentido para a vida e não o encontram, porque aposta na afirmação da igual dignidade de cada ser humano, porque investe na formação democrática, cívica e de comportamento presencial e porque, fazendo tudo o que indiquei, proporciona um ambiente mais saudável para o florescimento do carácter cidadão.

Este Congresso surge num momento crítico em que é indispensável a afirmação, o aprofundamento e a divulgação dos princípios que norteiam o movimento mutualista e, por isso, é devida a nossa participação e o nosso envolvimento activo para que, crescendo, o mutualismo possa contaminar as nossas sociedades com um humanismo que as torne mais resistentes, mais amparadas e mais confiantes no futuro.

Maria de Belém Roseira

Nos caminhos do convívio solidário é imprescindível vencer o futuro

Dois mastros de honra, dois marcos festivos e um só sinal identitário: a bandeira das mutualidades, símbolo do Portugal de um por todos, de todos por um. Um desses marcos, representativo do 10.º Congresso de Mutualismo 2011, a realizar nos dias 24 e 25 de Outubro, é comemorativo do 100.º Anos do Primeiro Congresso de Mutualidade. Adoptando o lema «*Responder às Crises por Caminhos Solidários*», o conclave, que tem por palco o auditório da Fundação Oriente, em Lisboa, intenta ajudar a dar a volta à crise, para tornar mais humano, mais justo e mais fraterno este nosso mundo, feito calvário de fel. O outro marco, figurativo do «25 de Outubro», **Dia Nacional do Mutualismo**, que se celebra desde 2004, pretende exprimir, no encerramento da reunião magna, os sentimentos de exaltante alegria e esperança do Movimento, que ambiciona se acabe com a vergonhosa desordem internacional, com a crise de civilização provocada por uma teologia neoliberal capitalista, levada ao extremo: de subserviência ao interesse dos mercados e de desvalorização da dignidade da pessoa humana.

O futuro imediato gravemente ameaçado

No entanto, a par de insuficiências estruturais, persistem a nível do Movimento, como tantas vezes temos afirmado, traumas e estereótipos antigos. Movimento que, além de nunca ter dobrado, de todo, a sua crise de confiança, se tem desprovido de coesão, ambição e audácia suficientes para incomodar, e de capacidade de gestão, inovação e oferta bastantes para crescer, fazer-se ouvir e avançar, resoluto, nos caminhos da convivência solidária. Esses são os caminhos do futuro mutualista, que é imprescindível vencer.

O Congresso e o Dia do Mutualismo são os últimos redutos, que podem e devem congrega a unidade mutualista, acabando com as divergências que, num dos triénios da primeira, década de 2000 se seguiram à conflitualidade no seio da UMP. Mas, se o Movimento persistir em sacrificar a coesão às clivagens, se os mutualistas e as suas Associações continuarem distraídos, apáticos ou indiferentes, então a alternativa terá por cenário o colapso.

Urge recuperar a cultura democrática

Para ultrapassarmos os actuais escolhos da vida política, económica e social, que nos tolmem e ameaçam, muito gravemente, o futuro imediato, urge recuperarmos a cultura da democracia, da cidadania, e de uma Mutualidade Portuguesa forte.

Não podemos ceder mais à cultura da banalização da gestão, nem aos egoísmos grupais, se o carreirismo teima em prevalecer, é preciso contrapor-lhe a coragem da solidariedade e da mobilização de vontades. A defesa dos interesses comuns não pode ser uma mera figura de retórica: tem de ser um desígnio concreto, de todos. Se o amiguismo, o compadrio, o tacticismo sindical do voto já se apoderaram, hipocritamente, do espaço de liberdade e de debate, então o exercício activo da solidariedade impõe novas posturas e atitudes. Impõe uma nova força anímica, impõem rasgos idênticos aos do passado centenário ou, em tempos chegados, aos do «25 de Outubro» de 1975, que nos libertou para o rumo democrático: o dos caminhos novos. Que serão de renovação. Que não serão caminhos de perdição. ■ *M.B.*



Comissão de Honra 10.º Congresso do Mutualismo



COM O ALTO PATROCÍNIO DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Presidente da Assembleia da República, *Assunção Esteves*

Cardeal Patriarca de Lisboa, *D. José da Cruz Policarpo*

Ministro da Saúde, *Paulo Macedo*

Ministro da Solidariedade e da Segurança Social, *Pedro Mota Soares*

Secretário de Estado Adjunto e da Saúde, *Fernando Leal da Costa*

Secretário de Estado da Solidariedade e Segurança Social, *Marco António Costa*

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, *António Costa*

Presidente do Conselho Económico Social, *José da Silva Peneda*

Presidente da Mesa da Assembleia Geral da União das Mutualidades Portuguesas, *Maria de Belém Roseira*

Presidente do Conselho de Administração da União das Mutualidades Portuguesas, *Alberto José Ramalheira*

Presidente do Conselho Fiscal da União das Mutualidades Portuguesas, *Carlos Trincão Marques*

Presidente do Montepio, *António Tomás Correia*

Presidente da Fundação Oriente, *Carlos Monjardino*

Presidente da Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES), *Eduardo Graça*

Presidente da Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS), *Padre Lino Maia*

Presidente União das Misericórdias Portuguesas (UMP), *Manuel Lemos*

Padre Vítor Melícias

Presidente da Associação Internacional das Mutualidades

Presidente da União Europeia das Farmácias Sociais





10.º CONGRESSO DE MUTUALISMO

Responder às Crises por Caminhos Solidários

PROGRAMA

10.º Congresso de Mutualismo 2011

Responder às Crises por Caminhos Solidários

24 e 25 de Outubro de 2011

Centro de Reuniões da Fundação Oriente

Avenida Brasília, Doca de Alcântara (Norte), Lisboa

Segunda-feira, 24 de Outubro de 2011

08h30 – Recepção dos Participantes e credenciação

09h30 – Sessão de Abertura

Abertura: Presidente da Mesa da Assembleia Geral – *Dra. Maria de Belém Roseira*

Conferência: «Mutualismo, Solidariedade e Cidadania»

– *Prof. Guilherme d’Oliveira Martins*

Encerramento:

· Ministro da Solidariedade e da Segurança Social
– *Dr. Pedro Mota Soares*

10h45 – Pausa para café

11h00 – I Painel – MUTUALISMO – CAMINHOS DE FUTURO

Moderador: *Dr. José Almeida Serra*

Interventores:

- *Emmanuel Vallens* – Coordenador de Políticas da Direcção Geral do Mercado Interior, Comissão Europeia
- *Simon Broek* – Research voor Beleid
- *Phillipe Swennen* – AIM
- *Dario Martinez Corte* – ODEMA

Debate

13h00 – Almoço

14h30 – II Painel – MUTUALISMO – IDENTIDADE E NOVOS DESAFIOS

Moderador: *Dr. António Tomás Correia*

Interventores:

- *Professora Doutora Manuela Silva*
- *Professora Doutora Sílvia Ferreira*
- *Dr. Jan Van Emelen*, Mutualidades Livre, Bélgica
- *Jean-Michel Laxalt* – MGEN
- *Dr. Luís Alberto Silva*

Debate

16h45 – Pausa para café

17h00 – III Painel – MUTUALISMO – GOVERNAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

Moderador: *Dr. Eduardo Graça*

Interventores:

- *Professor Doutor Fernando Ribeiro Mendes*
- *Professor Doutor Francisco Nunes*
- *Dr. Henrique Oliveira Pêgas*
- *Dr. José Manuel Netas*

Debate

19h00 – Fim dos trabalhos do 1.º dia

Terça-feira, 25 de Outubro de 2011

09h00 – IV Painel – MUTUALISMO

– RELAÇÕES COM O ESTADO

Moderador: *Dr. Pedro Bleck da Silva*

Conferência: «Mutualismo – Relações com o Estado»
– *Professor Eduardo Paz Ferreira*

Interventores:

- *Dr. Cid Proença* – Director-Geral da Segurança Social
- *Dra. Mariana Costa Cabral* – Presidente do ISS.IP
- *Dra. Maria João Quintela* – Representante do Ministério da Saúde

Debate

11h00 – Pausa para café

11h15 – V Painel – MUTUALISMO – IMAGEM E VISIBILIDADE

Moderador: *Dr. Mário Nunes*

Interventores:

- *Dr. Paulo Fernandes da Silva*
- *Dr. Joaquim Franco*
- *Dr. Luís Amorim*
- *Dr. Edgar Diogo*

Debate

13h00 – Almoço

15h00 – Sessão de Encerramento e Comemoração do Dia do Mutualismo

Abertura: *Dra. Maria de Belém Roseira*

Leitura das Conclusões do Congresso:

– *Dr. Alberto José dos Santos Ramalheira*

Evocação do 100.º Aniversário

do Primeiro Congresso de Mutualidade

– *Dr. José Alberto Pitacas*

Entrega de Prémios

- **Mutualismo e Solidariedade 2010**
- **Inovar para Melhorar 2011**

Encerramento

– Secretário de Estado Adjunto e da Saúde,
Dr. Fernando Leal da Costa

Apoios

FUNDAÇÃO
ORIENTE

 **Montepio**
Valores que crescem consigo.

 **LUSITANIA**

 **europamut**
valores mutualistas | soluções inovadoras | a protecção certa para si

DIA DO MUTUALISMO 25 OUTUBRO 2011

«Mutualismo e Solidariedade» 2010 e «Inovar para Melhorar» 2011



Em 25 de Outubro, na sessão de fecho do congresso e de comemoração do Dia do Mutualismo, antes do discurso de encerramento pelo Secretário de Estado Adjunto e da Saúde, proceder-se-á à entrega dos prémios «Mutualismo e Solidariedade» 2010 e «Inovar para Melhorar» 2011.

Desde que o Prémio Mutualismo e Solidariedade foi criado, com o propósito de distinguir pessoa individual ou colectiva que, em razão do mérito do trabalho desenvolvido, haja assumidamente contribuído para o desenvolvimento do mutualismo, essencialmente no auxílio à promoção das finalidades que à UMP estão cometidas, nomeadamente quanto às práticas da solidariedade mutualista, já foram galardoadas seis instituições e três pessoas individuais, a saber:

2003 – Legado do Caixeiro Alentejano – AM, Évora

2004 – A Previdência Portuguesa – AM, Coimbra

2005 – Dr. Edmundo Martinho

2006 – A «Beneficência Familiar» – ASM, Porto

2007 – Benéfica e Previdente – AM, Porto
– Liga das ASM de Vila Nova de Gaia

2008 – Padre Vítor Melícias Lopes

2009 – Montepio «Rainha D. Leonor» – ASM,
Caldas da Rainha
– José Robalo Martins

Entretanto, com o propósito de incentivar as Associações às denominadas «boas práticas», inovadoras de desenvolvimento, a UMP instituiu, em 2010, o Prémio Inovar para Melhorar, cuja segunda edição foi oportunamente posta a concurso, sendo o júri, que avaliará os trabalhos concorrentes, constituído por José da Silva Peneda, Presidente do Conselho Económico e Social, Eduardo Graça, Presidente da Cooperativa António Sérgio para a Economia Social e Edmundo Martinho, ex-Presidente do ISS.

A ASM de Ponta Delgada foi a organização vencedora do concurso do ano transacto (2010).



Maria de Belém eleita presidente do Partido Socialista

Eleita em Braga, no XVIII Congresso do Partido Socialista, por expressivos 746 votos, a jurista e deputada Maria de Belém Roseira assumiu, em 9 de Setembro transacto, após três meses de liderança parlamentar interina, a presidência do partido de que António de Almeida Santos era titular, desde 1992. Na história do grande partido político de centro-esquerda em Portugal, no qual se filiara em 1976. Maria de Belém, 62 anos de idade, é a primeira mulher a assumir a presidência do partido que tem por símbolo o «punho fechado» ou a rosa.

Dirigimos-lhe as mais vivas congratulações e manifestamos, à nossa fraternal Amigo, que corporiza a cidadania integral reveladora do sentido e do significado de uma vida dedicada ao serviço público, norteada pelo Bem, o sentimento mutualista de desvanecido orgulho.

Entre a persuasão e a firmeza determinada, entre o racional e o humano, entre o socialismo/democrático e a fé cristã, Maria de Belém, mulher de causas e combates, construiu uma carreira a pulso. Com dedicação praticamente exclusiva ao serviço público e à missão de solidariedade social.

A carreira de serviço público

Maria de Belém Roseira Martins Coelho Henriques de Pina, natural do Porto, é licenciada em Direito pela Universidade de Coimbra (1972), iniciando-se na função pública (1973) como técnica do Ministério das Corporações e Previdência Social e ainda hoje continua vinculada ao Estado como assessora principal, por concurso público, do Ministério



do Trabalho e da Solidariedade Social. A sua progressão ao nível da carreira governamental iniciou-a como chefe de gabinete do Ministro da Saúde, António Maldonado Gonelha (1984/85). Dai partiu para Macau, para ser administradora da Teledifusão de Macau (1986/87). No regresso a Portugal, foi vice-provedora da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (1988/92), administradora-delegada do Centro Regional de Lisboa do Instituto de Oncologia (1992/95), Ministra da Saúde (1995/99) e Ministra para a Igualdade (1999/2000). E, pelo prestígio grangeado, foi vice-presidente (1997) e presidente (1999) da Assembleia Geral da Organização Mundial de Saúde.

O espírito solidarista

As instituições sociais sem fins lucrativos, não representam valor acrescentado de desenvolvimento humano – de natureza, social, cultura e económica. Maria de Belém também tem dedicado muito do seu tempo, do seu saber e do seu carácter.

Sócia fundadora da Associação Portuguesa de Apoio à Víctima, da Liga dos amigos do Hospital de São Francisco Xavier, da Associação Reintegrar e da Associação de Psicogerontologia, também se ligou à Fundação do Gil, à Fundação Portuguesa do Pulmão e à Fundação Francis Obikwelu. Mas, os critérios do progresso moral e ético, a cultura dos valores humanos e do modelo social europeu, a defesa do Homem e dos seus direitos fundamentais, enfim, a economia social, da qual são parceiros as mutualidades e as misericórdias, têm em Maria de Belém uma defensora e promotora estrénuas. Ligada ao mutualismo desde o IV Congresso (1984), foi membro do Comité Director da Associação Internacional da Mutualidade em representação da União das Mutualidades Portuguesas, presidente do Grupo de Pensões em representação de Portugal e Espanha, presidente do Conselho de Administração da União das Mutualidades Portuguesas (2006/08) e é, desde 2009, presidente da Mesa da Assembleia Geral da União das Mutualidades, qualidade em que vai liderar o 10.º Congresso Nacional de Mutualismo 2011.

Ligada por igual às misericórdias portuguesas, na qualidade de presidente da Assembleia Geral da respectiva União, a nova presidente do PS, é uma pessoa de grande frontalidade e clareza. Em 2004, a então deputada foi mandatária de Manuel Alegre na candidatura a secretário geral e manteve-se ao lado do poeta até hoje e, obviamente, distante do ex-primeiro-ministro Sócrates, durante os seus sete anos de liderança. ■

É preciso reflectir e mudar

Por Mário Branco

1. O Dia Nacional do Mutualismo é de festa da cidadania, mas também deverá ser de reflexão e mudança, focada no essencial: como exercer a acção mutualista. Porque, neste início de milénio de todas as crises, o mutualismo português está repleto de contradições: conjuga modernidade inovadora, fraterna e solidária, com egoísmo, inércia e arcaísmos de vária ordem.

Para começar, o nosso Movimento reflecte, transversalmente, uma imagem fracturante. A denominação das mutualidades, nos termos do Código, é sempre precedida ou seguida das palavras «associação mutualista». Acontece, porém, que em 50 das cerca de 70 instituições filiadas na União das Mutualidades Portuguesas (UMP), a denominação ainda é precedida ou seguida da designação genérica de «associação de socorros mútuos», que fora consagrada na legislação de 1890; há, portanto, 120 anos! E, de entre estas ASM existem oito Associações Familiares cuja denominação também contém expressões obsoletas: «fúnebre» ou «fúnebre de ambos os sexos».

A propósito, há 25 anos o padre Vítor Melícias escrevia, no «Portugal Mutualista», ser preciso

«considerar a vantagem e alguma urgência de se actualizarem designações que já tiveram o seu tempo mas que, por antiquadas, não traduzem mais as realidades do verdadeiro mutualismo nem, muito menos, aliciam adesões ao projecto mutualista e às potencialidades do futuro». E, em sintonia com as sugestões apresentadas, para que as «fúnebres familiares» retirassem do seu nome esta expressão, «que parece contraproducente ao fomento do desejável rejuvenescimento da população mutualista», o mesmo se dizendo da referência a «ambos os sexos», que tinha razão de ser no tempo das desigualdades sociais em função do sexo, mas que hoje perdeu sentido, o então presidente da UMP, ainda sobre o assunto, transcreveu o texto de um ofício do Director-Geral da Segurança Social, no qual se faziam idênticas críticas e alvites. E o líder da UMP fechava o artigo de página sublinhando que «tanto os sentimentos e louváveis formas de solidariedade relacionadas com o evento da morte, como o tradicional apego da população portuguesa a propósito da morte e do funeral, sairão o beneficamente reforçados se forem promovidos por associações com de-

signação, imagem e dinamismo de cariz mais moderno e mais acentuadamente ligado à família».

2. Volto à designação genérica das mutualidades para lamentar que, não obstante a persistência na realização de cursos de formação, subsista, no Movimento, a falta de clareza em relação à identidade corporativa das instituições. Em data recente, a revista «País Positivo», cujo encarte num jornal diário de grande circulação lhe garante milhares de leitores, publicou seis páginas promocionais de quatro mutualidades filiadas na UMP. Aplauda-se a decisão pois que, sendo a comunicação fundamental para a credibilidade das marcas, agrega valor. Só que uma dessas mutualidades – aquela cuja reportagem ocupou três páginas de texto e mais uma página de publicidade na contracapa da revista – aplicou no texto, por sete vezes, a designação de «Associação de Socorros Mútuos», enquanto no anúncio se apresentou, primeiro ao alto e a toda a largura da página, depois em rodapé, a seguir ao logótipo, como sendo «Associação Mutualista».

Como dizia o escritor clássico, Francisco Sá de Miranda, de-

fensor dos grandes valores morais, «às vezes me espanto, outras me envergonho».

3. Fez dois anos, em Maio, que o Conselho de Administração da UMP apresentou um projecto de «Oferta Mutualista» que, pretendendo preencher uma grave lacuna no sistema de solidariedade e cooperação do nosso Movimento, se passasse a dispor de um instrumento estratégico de desenvolvimento. O grupo do projecto «Oferta Mutualista» «foi a Lisboa, Vila Nova de Gaia e Silves dar a conhecer o seu plano de trabalho e o conteúdo do inquérito, que se reportava a 31 de Dezembro de 2008, enquanto por sua vez, o MUT, na sua edição de Setembro de 2009, dedicou duas páginas ao projecto, considerando-o «um instrumento estratégico de desenvolvimento e um compromisso para restaurar a esperança».

O inquérito foi enviado a 67 mutualidades, em – Julho de 2009, juntamente com uma carta do presidente do executivo da UMP e documentos de instrução de preenchimento. Até Março de 2010 (nove meses corridos sobre o início do processo) foram recolhidos 36 inquéritos, não tendo respondido 31 (!) mutualidades. Lamentavelmente, quatro das instituições que se estiveram «borrifando» para o inquérito – passe o plebeísmo – integram os órgãos associativos da União no mandato em curso, pelo que não as considero comprometidas com o exercício da cidadania e da responsabilidade social, nem com a ética mutualista.

4. O «Dia do Mutualismo, que vai ser celebrado no remate do 10.º Congresso de «Nacional» tem muito pouco. Primeiro, porque além de não existir uma política de comunicação e imagem e, portanto, uma estratégia, em cinco dos dezoito distritos do Continente – «Beja, Guarda, Portalegre, Viana do Castelo e Vila Real – a UMP é desconhecida. E sendo desconhecida, e não indo lá, o Movimento está impedido, nesses distritos, de se relacionar com a sociedade e, obviamente, de divulgar os seus projectos junto das populações locais, sobretudo das de Beja, dado o significado especial que a antiquíssima Pax Julia reveste para a solidariedade organizada, já que naquela cidade alentejana «nasceu» o socorro mútuo. Em segundo lugar, porque no Dia festivo que, pelo menos em espírito, devia ser comemorado pela união das mutualidades, estas nem sequer as bandeiras hasteiam nas respectivas sedes.

Lembro que a data de 25 de Outubro (de 1975) foi assinalada em Coimbra no 25.º ano da libertação do mutualismo, oprimido por meio século de ignominiosa afronta. Em artigo intitulado «O acerto de contas e a viragem histórica», publicado em Correio Mutualista, de Fevereiro 2001, Mário Branco, director da revista, comentou essa manifestação de legítimo regozijo, rematando com o seguinte parágrafo: «na raiz do pensamento filosófico humanista, foi Francisco de Assis o inspirador do mutualismo moderno. Ora, estando o mês de Outubro li-

gado, pela lápide, à figura imorredoura do Renovador da Humanidade, e sendo o mutualismo uma escola, de liberdade, por não passarmos a considerar o «25 de Outubro» como Dia do Mutualismo». O então líder da União, Edmundo Martinho, aproveitou a sugestão e em Coimbra, a 24 de Outubro de 2004, no Pavilhão Central de Portugal, promoveu, com êxito, a celebração do primeiro Dia Nacional.

A inexistência de investigação sobre o mutualismo e a necessidade de encontrar respostas para muitas questões, também a imperiosidade de fomentar o ideal e incrementar a acção, ajustaram-se à ideia de sugerir a criação de um Dia dedicado ao mutualismo, o qual corresponderia à abertura de um novo ciclo de mudança, cabendo nele: qualificar as organizações, transmitir confiança, coesão e credibilidade ao Movimento, estabelecer e priorizar estratégias e projectos de desenvolvimento, potenciar respostas sociais, formar dirigentes e gestores, enfim, numa palavra, intervir! Porque parafraseando Fernando Pessoa sobre Portugal, diria que «falta cumprir-se o mutualismo».■

Associação de Ponta Delgada aposta numa oferta de serviços de qualidade



Distinguida com o prémio «Inovar para Melhorar» em 2010, a Associação de Socorros Mútuos de Ponta Delgada tem vindo a apostar de uma forma continuada na melhoria dos seus serviços. Reflexo dessa demanda, o número de associados cresceu ao longo dos últimos anos e situa-se hoje na casa dos sete mil.

«Esta é a melhor associação do país», diz com um orgulho incontido o seu presidente, Henrique Teixeira Luís, congratulando-se com o facto de a ASM de Ponta Delgada «ajudar muitas pessoas». Para que esse objectivo seja cumprido com sucesso, 25 pessoas tra-

balham diariamente nesta associação mutualista.

Um centro clínico, uma parafarmácia e uma farmácia são os equipamentos que esta entidade da ilha açoriana de São Miguel disponibiliza ao público em geral, mas principalmente aos seus associados. Em breve, segundo adianta Henrique Teixeira Luís, uma nova valência deverá abrir as portas: uma clínica para pequena cirurgia.

Farmácia vai alargar instalações

Esse equipamento vai ser instalado num piso térreo, já adquirido para

o efeito, de um prédio na zona nova de Ponta Delgada. Na mesma urbanização funciona já a farmácia da ASM de Ponta Delgada, que apesar do sucesso também não quer ficar parada. De facto, explica o presidente da associação, existe a intenção de alargar as suas instalações, que se têm revelado demasiado pequenas para o número de utilizadores.

Na farmácia os associados usufruem, conforme se lê no Regulamento de Benefícios, de «uma comparticipação de 10% sobre o preço marcado nas especialidades farmacêuticas fornecidas». Já «os

sócios e familiares, com idade igual ou superior a 65 anos, têm uma comparticipação de 20% sobre o valor a pagar». Esse valor é também extensível «às receitas prescritas aos filhos deficientes dos sócios», explica-se no referido regulamento.

Além disso, os associados podem também beneficiar de um serviço de entrega de medicamentos ao domicílio, entre as 13h00 e as 15h00 dos dias úteis. A encomenda deve ser feita através de telefone ou de fax e recebida numa morada indicada, seja o domicílio ou o local de trabalho.

As modernas instalações da farmácia, na Rua Professor Machado Macedo, foram projectadas para proporcionar boas condições aos clientes. E também aos funcionários, que dispõem de um pátio e de uma cozinha equipada com luz natural, para as suas refeições.

A farmácia também dispõe de um laboratório e de uma área de armazenagem, que começa a ser pequena para as necessidades. Por isso mesmo, a ASM de Ponta Delgada já adquiriu um espaço vizinho, que em breve deverá ser alvo de obras.

Centro médico e parafarmácia no centro da cidade

Já na Rua Machado dos Santos, mesmo no centro da cidade, funcionam os serviços administrativos da associação, bem como o seu centro médico e a sua parafarmácia. Tudo isto num edifício que foi totalmente remodelado para receber estas valências.

«O nosso centro médico é um dos melhores dos Açores», garante o presidente da ASM de Ponta Delgada, durante uma visita pelo espaço. Este equipamento funciona

de segunda a quinta-feira entre as 9h00 e as 19h00 e às sextas-feiras das 9h00 às 18h00.

Os associados podem beneficiar de consultas de medicina geral e familiar e de várias especialidades, como medicina interna, cirurgia geral, otorrinolaringologia, psicologia, medicina dentária, implantologia dentária, ortodontia e ginecologia. Na clínica trabalham também um dietista e existe um serviço de estética, que oferece descontos.

O centro médico dispõe também de uma sala, totalmente equipada a pensar nas crianças, para a prática de terapia da fala. Nas instalações na Rua Machado dos Santos são também prestados serviços de enfermagem e realizam-se análises e exames complementares como electrocardiogramas e endoscopias.

Nas consultas e nos exames os associados beneficiam, naturalmente, de preços inferiores àqueles que são aplicados aos particulares. Henrique Teixeira Luís adianta que trabalho não falta aos 18 médicos que prestam serviço no centro médico. «Isto aqui está sempre cheio», assegura.

No mesmo edifício funciona a parafarmácia da associação, que está de portas abertas aos dias úteis entre as 9h00 e as 18h00 e aos sábados das 9h00 até às 13h00. Segundo uma das suas funcionárias, aqui os clientes são tanto associados como particulares.

Estratégias para conquistar novos sócios

Aos serviços administrativos, instalados no último piso do prédio adquirido pela associação na Rua Machado dos Santos, têm-se dirigido nos últimos anos muitas pessoas que querem ser admitidas como associadas. Henrique Teixeira Luís

acredita que para isso tem contribuído o facto de serem admitidas pessoas com todas as idades.

«É um erro grave de muitas associações mutualistas só aceitarem sócios até aos 55 anos. Depois disso é que vem a necessidade de comprar medicamentos. No outro dia aceitámos um sócio com 98 anos», diz o presidente da ASM de Ponta Delgada. Está também em curso, desde 2010, uma campanha para a angariação de novos sócios: aqueles que forem filhos de antigos associados não têm de pagar a jóia de 25 euros.

Para chegar aos jovens casais, a associação decidiu também passar a atribuir um subsídio de nascimento de 25 euros. «Já demos muitos. Houve um dia em que demos logo quatro ou cinco subsídios», conta Henrique Teixeira Luís.

No ano passado a União das Mutualidades distinguiu esta associação de São Miguel com o prémio «Inovar para Melhorar», pelo seu projecto de «Implantação do Sistema de Gestão da Qualidade». A união considerou que este se destacava «por um elevado nível de inovação, a que acresce a preocupação com a qualidade, elemento essencial para a modernização do sector social e, em particular, do mutualismo».

Segundo a União das Mutualidades, a ASM de Ponta Delgada tornou-se nessa altura «a primeira farmácia da Região Autónoma dos Açores e a primeira associação mutualista do país com garantia de qualidade certificada dos serviços médicos e farmacológicos, constituindo, sem dúvida, um exemplo que deverá ser seguido pelas demais associações congéneres».

O presidente da associação desde 1992, Henrique Teixeira Luís, foi distinguido com um outro prémio: foi considerado o gestor do ano, pela Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada. O gestor está satisfeito com o galardão mas orgulha-se ainda mais de a entidade a que preside não ter dívidas e ser detentora de um avultado património.

Os 144 anos de história não são esquecidos

Nas instalações da ASM de Ponta Delgada a sua história de 144 anos não é esquecida. Isso é visível numa grande sala de reuniões existente no piso do centro mé-

dico. Aí estão dispostos os antigos móveis da farmácia, repletos dos frascos de vidros onde noutros tempos de guardavam os ingredientes dos medicamentos.

Já as paredes da sala estão forradas com pedaços da história da associação. Desde um antigo diploma de sócio emoldurado até fotografias de algumas das muitas personagens que marcaram a vida da ASM de Ponta Delgada: o seu primeiro presidente e sócio fundador, o zelador da caixa económica e o primeiro médico, entre vários outros.

Esta associação foi fundada a 6 de Janeiro de 1867. Nessa altura, lembra Teixeira Dias num livro

sobre a história da ASM de Ponta Delgada, um grupo de cidadãos juntou-se nesta sociedade «cujo fim principal é serem socorridos com medico e botica, em suas enfermidades mediante uma prestação mensal com que todos devem contribuir». Isso mesmo é dito numa acta da Assembleia Geral.

O prior António Alberto Pinheiro de Barros foi o primeiro presidente. Já Manuel Capinhola, nomeado para o cargo a 7 de Janeiro de 1867, foi o primeiro funcionário da associação. Em 1913 esta entidade abriu a sua farmácia e em 1940 foi extinta a caixa económica. ■



Os primórdios dos congressos mutualistas

A ideia integradora e federalista vinha de longe: desde os tempos precursores do I Congresso das Associações Portuguesas, realizado a 9 de Outubro de 1865, sob organização do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, liderado por Francisco Vieira da Silva, Com a participação de 71 associações (de socorros mútuos, de ofícios e de cooperativas), esse congresso social requereu ao governo providências legislativas, pois que o Estado se limitava, até então, a reconhecer a constituição de associações, apenas lhes exigindo a aprovação dos estatutos, mediante alvará, publicado em portaria. Só que os primeiros diplomas reguladores da actividade ainda demoraram 25 anos, pois que data de 1890 o decreto da criação o de um tribunal arbitral para relembrar as questões das associações, devendo na sua organização entrar árbitros eleitos por elas próprias, seguindo-se em 1891 e 1896 decretos regulamentares, o primeiro dos quais consagrou a designação genérica de associações de socorros mútuos.

Mas, dez anos antes, incluído no Programa das comemorações do Tricentenário da Morte de Camões, em 10 de Junho de 1880, realizou-se um Cortejo Cívico Triunfal, no qual participaram as associações populares de Lisboa, segundo o historiador e político Teófilo Braga, responderam ao convite 150 associações, tendo «os seus 40 000 agremiados

compreendido o sentido desse jubileu». «E se o tricentenário de Camões – afirmaria o futuro presidente do Governo Provisório, que também chegou a Presidente da República – ficou a dever às associações lisboetas a majestade com que foi admirado em toda a Europa, as próprias associações deveram-lha também esse impulso simpático que as levou umas para as outras, elas que se organizaram no seu isolamento de classe, elas que se desconheciam, fazendo com que proclamassem a necessidade de se coligarem e de se reunirem, anualmente, em um congresso, para o fim de apreciarem as condições de sucessivo desenvolvimento económico e social do País de que elas são as forcas vivas».

Ora, foi no âmbito das comemorações camonianas que os representantes das associações lisboetas manifestaram o propósito de se reunirem todos os anos em congresso, no dia 10 de Junho. E, correspondendo a essa intenção, associações de todo o país, a maioria delas do sector mutualista, reuniram-se em 10.06.1881, na Câmara Municipal de Lisboa, no Congresso das Associações Portuguesas, que seria preparatório da grande celebração do ano seguinte. Constituída por vinte figuras públicas, entre as quais Teófilo Braga, Costa Goodolphim, Eduardo Coelho, Sousa Brandão e Rosa Araújo, a comissão promotora, por delegação da Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses, foi

liderada por Manuel Pinheiro Chagas, ao tempo presidente de referida instituição.

Um grande parlamento popular

No congresso de 1882 das Associações Portuguesas, cujas sessões se realizaram de 10 a 18 de Junho, também nos Paços do Concelho de Lisboa, com a presença de 170 delegados, representando associações de Coimbra, Grândola, Lisboa, Odemira, Porto e Setúbal, Costa Goodolphim, que presidiu à sessão solene inaugural, pronunciou um importante discurso no qual considerou aberto «um grande parlamento popular» onde se encontravam reunidas muitas actividades e inteligências. «A associação e a escola – afirmou – são hoje os dois grandes templos da civilização para onde convergem as actividades de todos os que desejam elevar as classes sociais à perfeita compreensão dos seus direitos e deveres». A terminar, faz uma vibrante saudação à «associação e à liberdade», que constituem – fundamentos do próprio mutualismo.

Ao entusiasmo desta reunião magna sucedeu um novo e bem longo período de apatia, pelo que somente em 1904 e 1906, respectivamente no Porto e em Lisboa, voltaram a reunir congressos das associações, agora já exclusivamente do sector mutualista, mas de âmbito regional. ■

A **UNIÃO DAS MUTUALIDADES PORTUGUESAS** é uma instituição particular de solidariedade social e de utilidade pública, que tem como finalidade essencial promover a defesa, desenvolvimento, cultura e práticas da solidariedade mutualista; e assegurar a organização e representação do Movimento Mutualista.

Propriedade: **UNIÃO DAS MUTUALIDADES PORTUGUESAS**
www.mutualismo.com · e-mail: uniao@mutualismo.com
Editor ALBERTO JOSÉ DOS SANTOS RAMALHEIRA
Director de edição MÁRIO BRANCO · Designer NIELS FISCHER
Fotocomposição HERAGRÁFICA · Impressão GRIFOS
Tiragem 1 500 exemplares · DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Os artigos assinalados são da responsabilidade dos seus autores e não expressam necessariamente a opinião do editor.